

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

BIANCA WANDEPOL AZEVEDO

CARTOGRAFIA AFETIVA
Os afetos que mapeiam a escola

Juiz de Fora
2019

BIANCA WANDEPOL AZEVEDO

CARTOGRAFIA AFETIVA
Os afetos que mapeiam a escola

Artigo científico,
apresentado a
Universidade Federal de
Juiz de Fora, como parte
das exigências para a
obtenção do título de
Especialista em Ensino de
Artes Visuais.

Juiz de Fora, 30 de maio de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Olga Maria Botelho Egas
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. (Nome do professor avaliador)
Afiliações

Prof. (Nome do professor avaliador)
Afiliações

Para Anna Beatriz,
uma doce menina que se foi deixando
marcas que compõem o mapa afetivo da
escola para cada um que com ela esteve.

CARTOGRAFIA AFETIVA

Os afetos que mapeiam a escola

Bianca Wandepol Azevedo

Resumo

Este artigo tem como objetivo descrever um projeto de pesquisa que começou pela necessidade de compreensão da metodologia de pesquisa cartográfica em arte. Ao longo do percurso de construção do que agora é apresentado como artigo, houve a necessidade de mudança de planos: o objetivo inicial era a elaboração e execução de um projeto de intervenção, entretanto, não foi possível realizá-lo – e os motivos para esta decisão serão descritos ao longo do trabalho. Os autores utilizados para embasar a pesquisa e a compreensão da metodologia foram: COSTA (2014), OLIVEIRA JR (2012), KASTRUP e PASSOS (2013), ROSA, e MARTINS (2011), URIARTE e NEITZEL (2017).

Palavras-chave: cartografia, afeto, educação, arte.

1 Introdução

Ao leitor desse artigo, considero sensato apresentar-me. Sou Pedagoga, formada pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Trabalho há três anos na rede estadual de ensino de Minas Gerais. Ao longo desse período, ocupei diferentes funções: fui professora do terceiro ano do ensino fundamental, professora para o ensino do uso da biblioteca do ensino médio e, no tempo presente, estou supervisora/orientadora do ensino médio e professora para o ensino do uso da biblioteca para os alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Essas experiências têm me proporcionado a vivência dos diversos espaços e atividades escolares, e o que posso afirmar é que para além das especificidades de cada cargo, estar na escola é o tempo todo ensinar e aprender, desde que se esteja disposto para tal. Há sempre questões a serem resolvidas e, por isso, a escola pode ser entendida como espaço

privilegiado para o desenvolvimento da criatividade. Surgem problemas de toda ordem, entre pessoas, com as estruturas físicas, com as regras e limitações sociais. Sempre há algo a se pensar e decidir.

Por esse motivo, busquei e continuarei buscando novos conhecimentos e novas trocas com aqueles que de algum modo partilham do universo da educação. Esse foi o motivo de escolher a Especialização no Ensino de Artes Visuais, além de ser também um tema de interesse pessoal. O curso possibilitou novas lentes para ver o mundo e novos modos de estar educadora. E claro, tudo isso não pode ser tirado de mim ou alterado. Sob meu ponto de vista, reside, aí, a importância da educação: proporcionar experiências que não podem ser retiradas do sujeito.

A arte, dentro dessa experiência formativa, foi uma grande descoberta, proporcionando novas habilidades e vivências, mesmo sendo um curso a distância. Logo, dizer da arte na escola se torna indispensável: as artes (suas manifestações e técnicas), possibilitam ver onde ninguém havia olhado ou até mesmo olhar de outro modo aquilo que vemos o tempo todo.

Os signos da arte portam em si uma maior potência da diferença, isto é, são polissêmicos, camaleônicos, o que faz com que a arte se imponha como um ponto de vista privilegiado sobre o mundo e as coisas do mundo (URIARTE e NEITZEL, 2017, p. 388).

Perceber a potencialidade do desenvolvimento de habilidades através do estudo e ensino de Artes desvelou a necessidade de estudar sobre a cartografia artística enquanto metodologia de pesquisa, tema que será abordado a seguir. O início dos estudos aconteceu em setembro de 2018, durante a disciplina “Metodologia Artística de Pesquisa 2”, do curso de “Especialização em Ensino de Artes Visuais – oferecido na modalidade à distância pela UFJF.

Desde então, o caminho percorrido levou-me a transitar da necessidade de um projeto de intervenção, que a enciclopédia “Itaú Cultural” define:

Como prática artística no espaço urbano, a intervenção pode ser considerada uma vertente da arte urbana, ambiental ou pública, direcionada a interferir sobre uma dada situação para promover alguma transformação ou reação, no plano físico, intelectual ou sensorial. Trabalhos de intervenção podem ocorrer em áreas externas ou no interior de edifícios, preferencialmente escolares.

O termo intervenção é também usado para qualificar o procedimento de promover interferências em imagens, fotografias, objetos ou obras de arte preexistentes (ITAÚ CULTURAL, 2019).

Para a escrita desse artigo, apostei na metodologia de pesquisa artística, especialmente a abordagem cartográfica. Esse trânsito entre formas distintas de pesquisa só foi possível uma vez que a cartografia enquanto metodologia permite:

[...] pensar a realidade através de outros dispositivos que não os apresentados tradicionalmente pelos discursos científicos, valorizando aquilo que se passa nos intervalos e interstícios, entendendo-os como potencialmente formadores e criadores de realidade (COSTA, 2014, p. 70).

Afirmo que a Cartografia foi, dessa forma, a melhor escolha metodológica, pois a intenção inicial de um projeto de intervenção precisou ser convertida em artigo, visto que o que se passou no intervalo de criação dos trabalhos, foi determinante para a versão final que aqui apresento.

Acredito ser indispensável a explicação de todo o processo vivido na elaboração desse trabalho. Por tradição do ensino básico, compreendia a cartografia como forma de representação do espaço, com sua linguagem específica, composta de cores, linhas e legendas. Como afirma o professor Wenceslao Machado de Oliveira Jr (2012):

O mapa (em uma versão oficial – do Estado, da cartografia formal ocidental) tornou-se um clichê, algo que aparece diante de nós toda vez que pensamos em espaço, em geografia. Por isto ele se converteu na figuração do espaço e como tal ocupa toda nossa maneira de pensar o espaço por ter se colocado como sua (verdadeira) representação (OLIVEIRA JR, 2012, p. 8-9).

Porém, ao participar da disciplina citada acima, conheci a forma artística da cartografia, como a utilizada pelo artista Qiu Zhijie em sua coleção “Maps”.

Qiu Zhijie usa essas histórias e técnicas de mapeamento, em conjunto com uma antiga tradição chinesa de mapear

lugares imaginários, para construir narrativas inesperadas, cidades fictícias ou estranhos locais utópicos como em seus Map of Utopia [Mapa da utopia] ou Map of Total Art [Mapa da arte total]. Ele teve formação de calígrafo e usa essa habilidade para desenhar seus mapas à mão livre (31ª BIENAL, 2019).



Essa nova visualidade cartográfica provocou reflexões mais profundas sobre o espaço escolar e sua ocupação. Naquele momento, expressei meus questionamentos no “Fórum Cartografando” (realizado no domingo, vinte e três de setembro de 2018):

A situação que me incomoda, já faz tempo, é a incoerência entre o discurso de que a escola é de todos e todos devem cuidar, e a interdição para os alunos de alguns espaços e objetos. Como estou na biblioteca, me pergunto, como os alunos vão querer aprender se alguns livros são proibidos?

Desde então, levo comigo a reflexão sobre as possibilidades e impossibilidades de estar na escola, ocupando-a sem prejudicá-la ou destruí-la. Por isso, em minha primeira ideia para o possível projeto de intervenção, lançada na disciplina “Metodologia Artística de Pesquisa 3”, no “Fórum Tema(s) para Pesquisar”, de domingo, 17 de fevereiro de 2019, expus a seguinte proposta:

[...] uma intervenção cartográfica na escola em que trabalho, limitando ou deslimitando espaços com fitas verdes, amarelas e vermelhas, em prol de lançar luz a questão: quem define e escolhe os locais permitidos e proibidos da escola?

Depois desse primeiro lampejo, a ideia foi amadurecendo como fruta no pé, mudando de cor, forma, cheiro e textura. A cada novo passo da caminhada algo novo surgia e algo estabelecido era alterado. Em uma nova tentativa de compreender a forma artística da cartografia coloquei como meta a realização da seguinte empreitada, como registrado através das minhas inquietações no “Fórum Formato de Pesquisa”, de domingo 17 de fevereiro de 2019:

[...]um projeto de intervenção cartográfica, que com o auxílio dos alunos lance questão sobre os espaços da escola, acredito ser possível realizá-lo no pátio e mesmo com um ar de arte-brincadeira, me vejo obrigada a fazer a escola pensar sobre esse tema: quem limita os espaços escolares? Qual a real necessidade desses limites? E como adendo acho importante frisar que meu objetivo é fazer pensar, porque algumas proibições realmente me incomodam, mas não tenho a audácia de querer mudar a forma como esses limites estão estabelecidos, pois eles já estão lá há algum tempo. Vejo esse projeto como uma continuidade de meu mapa cartográfico realizado em uma das disciplinas em que tentei representar essas questões por meio de um mapa no papel. Ainda estou as voltas sobre como torná-lo o mais artístico possível, isso é questão para mim também, isso que estou propondo está no campo da arte? A minha forma de registro seria por meio de vídeo ou fotografia, espero ter a disponibilidade da escola para realizá-lo.

Reconheço que nesse momento, para além das questões relacionadas à ocupação dos espaços escolares, também me questionava sobre como propor uma intervenção no campo da arte. O vídeo e a fotografia seriam uma forma de registro interessante? Receberia autorização da escola para a realizar uma intervenção dessa natureza?

Um pouco mais adiante, continuei refletindo sobre meu projeto, como borboleta dentro do casulo. Assim, o projeto estava vivo dentro de mim, a cada dia lutando um pouquinho mais para abrir as asas em pleno voo. Enfim, em um dos meus últimos passos na disciplina, descrevi o projeto de intervenção da seguinte maneira:

Desejo levar os alunos a refletirem sobre o espaço escolar, suas possibilidades, limitações e ocupações. Para tal empreitada irei trabalhar com 14 turmas dos anos iniciais, 1º ao 4º ano, que são as turmas que atendo no período da tarde, enquanto trabalho como professora da biblioteca. O primeiro passo será fotografar todos os espaços que compõem a nossa escola, aqui somente eu irei realizar.

Após todas as fotografias realizadas, cada turma será dividida em 5 grupos e cada um deles irá analisar uma fotografia a partir das seguintes questões: qual é esse espaço? Onde ele está? Vocês o conhecem? Já estiveram lá? Para que ele serve? Quem trabalha lá? Tais perguntas serão discutidas entre todos e ao final o objetivo é que eles se localizem espacialmente em relação a esse lugar, definam por si próprios para que e quem o ocupa, além de ao final decidirem se esse é um espaço em que todos devem circular ou ele deve realmente ficar restrito a alguns. A partir da resposta do grupo eles deverão elaborar uma legenda que descreva essa imagem e decidir entre os filtros verde, amarelo ou vermelho para as fotos. O filtro verde significa que esse local é livre para todos, amarelo que ele deve ser supervisionado por um adulto e vermelho aquele em que não deve haver circulação dos alunos. Assim, desejo que os alunos se conscientizem sobre as regras e normas da escola que estão presentes em todos os locais públicos. Após a análise, escrita das legendas e escolha dos filtros será elaborado um mural no corredor para que todos possam conhecer e compreender o trabalho realizado. A finalização será feita com a intervenção dos alunos no espaço da biblioteca em que trabalho. Esse espaço se chama *sala multiuso* e durante todo o mês de fevereiro eu o alterei para receber melhor todos que estão na escola e, agora que ele já está sendo utilizado por todos, desejo que principalmente as crianças percebam que há algo de si nele. Por isso decidi que todas irão deixar a marca de suas mãos na parede de onde a lousa foi retirada. Será uma intervenção artística com a finalidade de tornar aquele espaço reconhecidamente coletivo, afinal, demarcar as paredes, como vimos ao longo do curso, pode ser feito de diversas formas, e tem sido feito a milhares de anos, porque não utilizar essa mesma técnica para transformar e identificar uma sala que por enquanto está vazia de marcas?!

Uma vez que defini as etapas da proposta da intervenção, observo agora como minhas inquietações sobre o uso dos espaços escolares estava embasada na ideia de pertencimento e compartilhamento com os alunos. Minha expectativa com essa construção coletiva era reverter a interdição de alguns espaços para os alunos – como o caso da Biblioteca, e tornar significativo o discurso oficial de que a escola é de todos e todos devem cuidar. Nesse percurso, foram várias as mudanças e escolhas realizadas para alcançar a realização do projeto de mobilizador deste artigo.

2 Desenhando um projeto de intervenção artística

Após todo o processo de elaboração da intervenção, encontrei-me limitada pelo tempo, espaço e ferramentas, por isso, decidi trabalhar com os 25 alunos para quem dei aula no 3º ano fundamental, no ano de 2017 e que agora se encontram no 5º ano fundamental. Essas foram as crianças com quem criei o meu maior vínculo na escola e, por tal fato, os escolhi.

Continuei com a questão: como pensar sobre o espaço escolar de forma artística. A intenção inicial se transformou de limites e possibilidades para afetações. Explico: não desejava mais que os sujeitos pesquisados me dissessem quais espaços podiam ou não ocupar na escola, queria que me falassem qual o espaço que mais os afetava na escola, fosse por marcas felizes ou tristes. Dessa forma, minha intenção transformou-se para criar uma “Cartografia Afetiva” da escola.

O primeiro passo realizado foi levar os alunos em pequenos grupos aos espaços da escola que mais os afetavam, e, então, filmar a sua explicação sobre a escolha deste lugar. O segundo passo seria construir na plataforma “Prezi” uma planta baixa da escola - de forma a não simplesmente repetir forma e traço da cartografia padrão - e inserir os vídeos das crianças. Por fim reuniria na sala todos os participantes da pesquisa para que se assistissem falando sobre a escola em que estudam. A intenção era criar neles uma marca afetiva que os levassem a perceber que a escola faz parte de suas vidas e de seus dias, desse modo todas as vivências nesse espaço geram marcas significativas.

Para além das marcas, também poderíamos pensar sobre quais imagens os espaços escolares ressaltam ou apagam no processo educativo. Logo, uma cartografia afetiva deve levar em conta que cada sujeito lembra e constrói a imagem da escola a sua maneira, com o combustível imagético que o afeta durante seu percurso escolar.

Por fim, esses eram os passos e caminhos que iria percorrer na direção da realização do meu projeto de intervenção cartográfica. Entretanto só consegui caminhar até a elaboração dos vídeos de cada um

dos meus alunos, isso porque a realidade tornou impossível a continuidade do projeto e necessária a escrita do artigo.

A realidade que aqui descrevo é dolorosa e, infelizmente, cruel. Por isso, relutei em minha escrita para que ela viesse à tona somente próximo ao fim. Após a filmagem com as crianças, uma de minhas alunas, Anna Beatriz, que estudava na escola desde os 6 anos, ficou muito doente, foi hospitalizada e, no decorrer de uma semana, ela faleceu, deixando em todos uma marca afetiva extremamente dura de lidar.

A dor do luto - meu e de todos aqueles que estiveram com Bia, como amigos, professores e outros profissionais da escola -, impossibilitou que qualquer outro passo fosse dado na direção de realizar o projeto. A perda recente inviabilizou mostrar a escola mapeada por seus vídeos: rever a amiga que não está mais presente na escola seria extremamente doloroso. Como professora, também sofri e não foi possível continuar. Deixo aqui registrada a imagem de Anna Beatriz no lugar que ela havia escolhido: o pátio.



Anna Beatriz, abril 2018. Acervo pessoal.

Novamente, outra metamorfose aconteceu e surgiu a escrita desse artigo, que aborda a compreensão do que vem a ser o Método

Cartográfico, baseado nos autores: Luciano Bedin da Costa, Wenceslao Machado de Oliveira Jr, Virgínia Kastrup, Eduardo Passos, Monica Zewe Uriarte, Adair de Aguiar Neitzel, Aline Nunes da Rosa e Alice Fátima Martins. Essa caminhada, permeada por mudanças fundamentais na forma e objetivo da pesquisa, só foi possível porque a cartografia é:

Uma metodologia mais flexível aos “acontecimentos” e às problematizações, que não faz uso de procedimentos e de mecanismos de controle, não se ocupando com resultados reproduzíveis, mas com as compreensões e as experiências muitas vezes relegadas a segundo plano na pesquisa científica (URIARTE E NEITZEL, 2017, p. 388).

3 A cartografia e os afetos que mapeiam a escola

A narrativa acima, permeada por descobertas, imprevistos e luto, possibilitou diferentes reflexões sobre limites e possibilidades do meu papel como professora nos anos iniciais da Educação Fundamental e os limites e deslimites dos espaços educativos na escola.

Assim sendo, pretendo aprofundar, a partir de agora, estudos sobre a Cartografia e suas ressonâncias na escola. A cartografia historicamente estabelecida é descrita pelos professores Uriarte e Neitzel (2017) como:

[...] uma ciência que concebe, estuda e utiliza os mapas, e estes, por sua vez, são desenhos que indicam lugares ou territórios, favorecendo nossa orientação e nosso conhecimento sobre esse espaço [...] (URIARTE E NEITZEL, 2017, p. 390).

Porém, enquanto metodologia de pesquisa artística a cartografia segue por outro caminho, transgredindo a ideia de representação estática e compreensível do espaço, para tornar-se uma visualidade que não pode ser simplesmente apanhada em um único olhar, o professor Wenceslao de Oliveira Jr. defende em seu ensaio que:

Caberia pensar e descobrir onde e como o mapa/a cartografia nos coloniza, quais são as grades cartográficas (e escolares) que nos impedem de ver os mapas e a cartografia que lhes configura, de modo a libertar a cartografia de sua prisão comunicativa/documental e fazer dela uma linguagem expressiva, capaz de criar obras que nos façam melhor entender o espaço contemporâneo e também tenham potência de efetivar devires por nós desejados neste espaço (OLIVEIRA JR, 2012, p. 10).

Desse modo, surge a ideia de ir além da pura representação do espaço para construir coletivamente um novo modo de olhar o espaço escolar, para além de suas paredes e portas estáveis e por vezes intransponíveis. Na tentativa de realizar o projeto de intervenção, caminhei na direção de ver e mostrar a escola por uma outra via, outra direção, nessa jornada encontrei sentido para dizer da escola através do conceito de afeto.

Afeto, etimologicamente, segundo o site “Dicio”, tem sua origem no latim “*effectus*”, que significa: “Sentimento e emoção que se manifestam de muitos modos: amizade é uma forma de afeto”. Essa definição foi o que permitiu pensar sobre a ideia de uma cartografia afetiva, afinal, quais são as emoções e sentimentos que os espaços da escola trazem à tona nos sujeitos que ali estão? Como coletivizar essas emoções a fim de que o espaço escolar seja descrito por meio dos sujeitos que ali estão e não dos mobiliários e estruturas que o constituem?

Para responder a essas questões, a metodologia de pesquisa cartográfica conseguiu acolher e embasar possíveis direcionamentos para o trabalho. Segundo os professores Virgínia Kastrup e Eduardo Passos (2013):

A ideia de composição no plano das forças e dos afetos busca apontar que não há jamais indiferença na escolha do tema e dos sujeitos da pesquisa. Cartografamos com afetos, abrindo nossa atenção e nossa sensibilidade a diversos e imprevisíveis atravessamentos. Ao final de um trabalho de pesquisa, a sensação de que avançamos no conhecimento daquele território passa, mais uma vez, pela sensação de partilha de uma semiótica e de um maior pertencimento àquele território. No entanto, resta um valioso écart que nos distancia da semelhança, ao mesmo tempo que nos aproxima da alteridade. A ideia de composição no plano das forças e dos afetos remete, por fim, à política de escrita da pesquisa e ao compromisso ético das ações locais que ela poderá doravante sustentar, concorrendo para a criação de um mundo comum e heterogêneo (KASTRUP E PASSOS, 2013, p. 277).

Desse modo, falar sobre a cartografia é inevitavelmente trafegar pelo domínio do afeto do pesquisador e dos sujeitos da pesquisa, afeto que nos causa e que causamos antes, durante e depois de todo o processo.

A ação processual cartográfica pode ser descrita então da seguinte forma:

Suja, a cartografia nunca poderá ter como ideal a transparência neutralidade; Segundo o mais conhecido fragmento de Heráclito, a gente nunca se banha duas vezes em um mesmo rio porque o rio nunca é o mesmo assim como a gente também não o é. No que diz respeito à cartografia diríamos que a gente nunca pisa duas vezes em um mesmo campo de pesquisa; Ao lidar com territórios que são moventes, cabe ao cartógrafo o exercício de uma sensibilidade plural. O saber do cartógrafo é sempre um saber multi/implicado, frágil e um tanto provisório; Inseparabilidade entre conhecer e fazer; pesquisar e intervir: toda cartografia é um conhecer-fazendo; cartografar é estar, e não olhar de fora; Só se faz cartografia artizando-se (COSTA, 2014, p. 75-76).

Como afirmam os autores, cartografar é um território movente. Se não pode ser feito sem interferências dos sujeitos, dos espaços e tempos que compõem pesquisa, creio ser inevitável que esse artigo seja construído a partir de tudo que ocorreu, tudo que foi planejado e (re) planejado e todas as possibilidades que se abriram nesse território.

Qual não foi minha surpresa ao me deparar com a frase escrita por mim em uma das tarefas sobre cartografia:

Mesmo ainda não tendo definido exatamente o que farei em meu TCC, considero interessante essa linha metodológica, pois ela permite trabalhar com algo a ser construído que não precisa chegar a um produto final e acabado, o que abraça as propostas que venho desenhando.

Confesso que naquele momento não imaginava o caminho que iria percorrer e o quanto a realidade do corpo e sua finitude orgânica iriam transformar meu projeto inicial de intervenção artística na escola.

Apesar dos imprevisíveis atravessamentos, como diz Kastrup, sinto-me de certa forma realizada, como professora pesquisadora. Experimentei cartografar o cotidiano escolar estando imersa nele: aquilo que me afetou em um momento permaneceu e fez com que a minha ideia permanecesse genuína e real. Reconheço que, sempre tive medo de fazer uma pesquisa que estivesse distante da realidade, das sensações e questões que atravessam os sujeitos e a escola.

Assim, escolhi a cartografia embasada na citação de dois artigos apresentados na disciplina “Metodologia artística de pesquisa II”:

A cartografia pode ser utilizada como método de acompanhamento do traçado das linhas que indicam os percursos culturais, o que possibilita ao pesquisador enxergar e refletir sobre o procedimento em curso, voltado tanto à manutenção como à criação de novos caminhos (NEITZEL; URIARTE, 2017, p. 390).

O pesquisador-cartógrafo não sabe, de antemão, o que irá lhe atravessar, quais serão os encontros que irá ter e no que estes mesmos encontros poderão acarretar. O cartógrafo, de certa forma, é um amante dos acasos, ele está disponível aos acasos que o seu campo lhe oferece, aos encontros imprevisíveis que se farão no decorrer do caminho (COSTA, 2014, p. 70-71).

Considero as citações acima fundamentais para minha compreensão sobre a cartografia. Ao empreender a pesquisa, não tinha clara a dimensão do acaso e da provisoriedade, apontados por Costa (2014). Não tinha ideia do que iria colher com as etapas que consegui realizar até a eminente finalização do trabalho, pois aquilo que se iniciou como possibilidade de interferência no espaço se transformou na escrita desse trabalho e me fez estar ainda mais perto da metodologia escolhida, já que o caminho percorrido, é a pesquisa cartográfica.

Considerações finais

A cartografia afetiva se mostra necessária e urgente dentro da escola. Enquanto uma metodologia que abraça todas as flores e cascalhos do caminho, permite observar com os olhos e ouvidos sensíveis tudo o que pulsa no espaço escolar. A cartografia pode proporcionar, a descoberta e a abertura de novos caminhos possíveis para as pesquisas em educação.

Assim como Rosa e Martins (2011):

[...] entendo a cartografia como um desenho que “acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos”. Em consequência disto, a pesquisa se faz neste movimento de (re) conhecer os fatores de efetivação que se bricolam ao longo de nossas relações e vivências e que, para tanto necessitam

ser cartografados, como forma de serem percebidos e por que não dizer, concretizados (ROSA e MARTINS, 2011, p.4).

Desse modo, cartografar o espaço escolar a partir dos afetos que cada um leva só foi possível porque essa metodologia permite transgredir os padrões e fazer pesquisa com sujeitos e temporalidades que não se conformam e mudam a todo momento. Mudanças que surgem, modificam os afetos e possibilitam novos desenhos e paisagens. Costa (2014) afirma que:

A cartografia coloca em relação um conjunto de saberes: o cartógrafo pode ser um filósofo, sociólogo, um psicólogo, mas ele também terá de ser um historiador, um geógrafo, um sintomatologista, um clínico e, sobretudo, um artista. Ele trará para sua pesquisa estes múltiplos campos que se sobrepõem e que se atravessam no seu trabalho. O cartógrafo não é o grande olho de uma pesquisa, o sujeito que tudo olha com neutralidade, excessivamente confiante no seu saber exclusivo. O cartógrafo sabe que é impossível não se misturar e que esta mistura é justamente o que ele procura promover. Ele sabe que seu saber é tão vacilante quanto à realidade sobre a qual ele se ocupa. Ao invés de coletar verdades, o cartógrafo abre caminho para os fluxos, para aquilo que aponta para criação e que justamente resiste aos congelamentos. Ali onde a verdade gagueja, no pé vacilante da verdade, que ele pega carona. É por isso que dizemos que na cartografia a queda é muito bem-vinda. Afinal, só tropeçamos quando nosso pé se encontra com algo (COSTA, 2014, p. 75).

Dizer de uma cartografia afetiva é dizer então da pesquisa com sujeitos, para os sujeitos e dos sujeitos. E reconheço em minha maneira de pesquisar a educação, que somos um pouco psicólogos, assistentes sociais, pais, mães, médicos, enfermeiros. Ou seja, um pouco de tudo que é necessário na sociedade. Afinal, a escola é apenas a sociedade vista em menor escala, principalmente, a escola pública que garante que todas as pessoas de todas as classes, gêneros e etnias estejam presentes.

Logo, ser professor e ser cartógrafo são habilidades que pretendo construir em minha caminhada, exercendo as mais diversas funções, lidando com os acasos e imprevistos e buscando nessa caminhada construir vias, caminhos, estradas, rotas que possibilitem a quem queira navegar nesse imenso mundo em que vivemos. Tendo sempre em vista

que dizer da escola é ir além de suas estruturas físicas e de seu bom/mau estado de conservação, é poder olhar quem realmente está em seu alicerce, nossos alunos, professores e todos que ali trabalham ou por ali passam, essa é a cartografia afetiva que consegui desenvolver com esse estudo.

Mapeamos com o afeto e nada além dele, afinal, aqueles lugares em que nunca estivemos ou nunca quisemos estar, não serão planejados por nós.

Referências

Anna Beatriz, abril 2018. Acervo pessoal.

BIENAL. *Como imaginar coisas que não existem*. Qiu Zhijie, Mapa, 15 de setembro de 2014. Disponível em: <<http://www.31bienal.org.br/pt/post/1540>> Acesso em: 12 de maio de 2019.

COSTA, Luciano Bedin da. *Cartografia: uma outra forma de pesquisar*. Revista Digital do LAV, [S.l.], p. 066-077, ago. 2014. ISSN 1983-7348. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>>. Acesso em: 05, maio, 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/1983734815111>.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. *Mapas em Deriva: imaginação e cartografia escolar*. Geografares, [S.l.], p. 01-49, jun. 2012. ISSN 2175-3709. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/3187>>. Acesso em: 05, maio, 2019. doi:<https://doi.org/10.7147/GEO12.3187>.

DICIO. *Dicionário online de português*. Afeto. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/afeto/>> Acesso em: 12 de maio de 2019.

INTERVENÇÃO. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao%3E>>.

Acesso em: 29 de Mai. 2019. Verbetes da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. *Cartografar é traçar um plano comum. Fractal*. Revista de Psicologia. Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 263-280, agosto. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05/05/2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922013000200004>.

ROSA, Aline Nunes da; MARTINS, Alice Fátima. *Cartografias para pensar visualidades e bricolamentos afetivos*. Universidade Federal de Goiás. Abril, 2011. Disponível em: <<http://deploy.extras.ufg.br/projetos/seminariointernacional/images/trabalhos/alinenunes.pdf>>. Acesso em: 05/05/2019.

URIARTE, Monica Zewe; NEITZEL, Adair de Aguiar. *A pesquisa de intervenção cartográfica em Arte Educação*. Educação Unisinos, setembro/dezembro 2017. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/viewFile/edu.2017.213.12/6340>>. Acesso em: 05/05/2019. Doi: 10.4013/edu.2017.213.12.